

## **O SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALCOBAÇA: SÍTIO REFERÊNCIA NO VALE DO CATIMBAU – BUÍQUE - PE.**

**Ana Lúcia do Nascimento Oliveira**

### **RESUMO**

Foram realizadas prospecções arqueológicas intensivas na bacia Sedimentar do Jatobá no rio Ipanema, afluente do São Francisco e, o principal referencial que norteou essas prospecções, foi a identificação de abrigos sob-rocha que apresentavam registros rupestres agrupados “a priori” na categoria designada como “tradição Agreste”. Esse referencial serviu apenas como fio condutor da pesquisa, pois o que se pretendia era identificar, através de escavações arqueológicas, que tipos de ocupações humanas e que formas de uso, esses abrigos receberam. Limitamos nosso trabalho, na escavação do sítio Alcobaça, em Buíque-PE, procurando integrá-lo no contexto já conhecido da pré-história da região, porque as escavações arqueológicas realizadas nesse sítio, demonstraram a existência de ocupações humanas durante longos períodos, compreendidos entre 5000 a 900 anos antes do presente, numa coluna crono-estratigráfica contínua de ocupação. O abrigo Alcobaça apresenta pinturas rupestres num paredão da rocha matriz ocupando aproximadamente 200m<sup>2</sup>. Foram também realizadas pinturas e gravuras sobre blocos caídos, em diferentes épocas. O estudo de caso deste abrigo com os diversos tipos de ocupação em diferentes épocas e com a continuidade da atividade pictural, fornece um referencial para futuras pesquisas e para o conhecimento dos grupos humanos que habitaram a região na pré-história.

## **ABSTRACT**

Intensive archeological prospecting in the Sedimentary Basin of Jatobá in the Ipanema river, affluent of the San Francisco river and the principal landmark of this prospecting was the identification of under rock shelters depicting rock art *a priori* grouped into a category designated as the Agreste Tradition. This reference has served only as an orienting reference for the focus was the identification, through archeological excavations, of the types of human occupation and uses these shelters received. We have limited our work to excavating the Alcobaça site in Buíque Pernambuco, attempting to integrate it in the already known prehistoric context of the region because the archeological excavations accomplished in this site have demonstrated the existence of human occupation throughout long periods comprised between 5000 and 900 years before present in a continuous chronological and stratigraphic occupation. The Alcobaça shelter depicts rock art on the high wall of the matrix rock occupying approximately 200 m<sup>2</sup>. Paintings and engraving were equally done on fallen blocks at different times. The case study of this shelter with different types of occupation at different times and pictorial activity continuity provides a reference for future research and knowledge of the human groups inhabiting the region during prehistory.

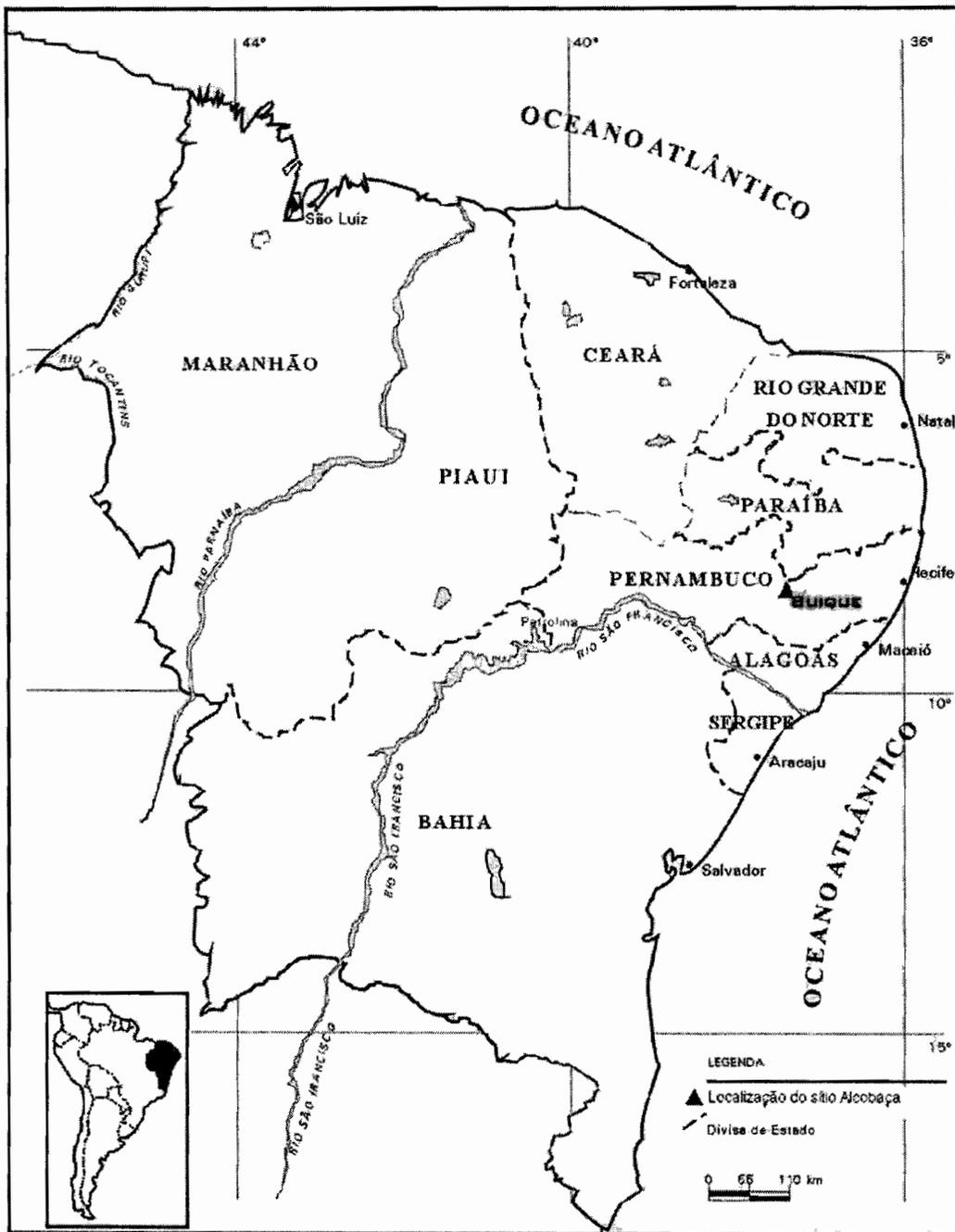
Pesquisas arqueológicas realizadas nas regiões do agreste e do sertão de Pernambuco revelaram a existência de numerosos abrigos sob-rocha, com pinturas rupestres pré-históricas, que teriam sido ocupados por grupos humanos que habitaram a região antes da colonização portuguesa. Escavações arqueológicas realizadas, em alguns desses sítios, demonstraram ocupações humanas anteriores há 2000 anos antes do presente. As pinturas rupestres de grande parte desses abrigos foram agrupadas dentro de uma categoria inicialmente chamada “tradição Agreste”. Essa categoria ou “tradição” foi designada atendendo a certas características dos grafismos e das técnicas empregadas, embora e principalmente, fosse essa divisão excludente, para diferenciá-la da Tradição Nordeste de pintura rupestre, melhor estudada e conhecida em várias regiões do Nordeste brasileiro.

Sabendo que, as formas de ocupação, a escolha dos assentamentos pré-históricos, e o estudo da cultura material numa seqüência cronológica, pode nos levar ao conhecimento do grupo ou grupos étnicos que ocuparam determinados enclaves pré-históricos, nas áreas arqueológicas do Nordeste, desenvolvemos esse estudo com o objetivo de poder contribuir para esse conhecimento.

O conceito de grupo humano ou grupo étnico é complexo desde uma abordagem antropológica, pois significa o conhecimento de um número elevado de componentes, nos quais entra, a cultura material e espiritual, e principalmente o grupo lingüístico. O caráter vestigial da pré-história nos limita a maioria desses componentes. A vida espiritual a deduzirmos, na medida do possível, a partir dos restos materiais (arte e rituais fúnebres, por exemplo), significa apenas uma pequena parte vestigial de todo um cerimonial que desconhecemos, mesmo os rituais fúnebres, detectados através da arqueologia, porém nada podemos saber das línguas faladas. Assim, quando nos referimos a “grupo” ou “grupos”

desde uma perspectiva arqueológica, somente nos baseamos nos restos materiais, residuais quase sempre, e cujo estudo nos pode levar a uma visão de conjunto, mesmo que fragmentada das atividades desses homens e suas estratégias de sobrevivências.

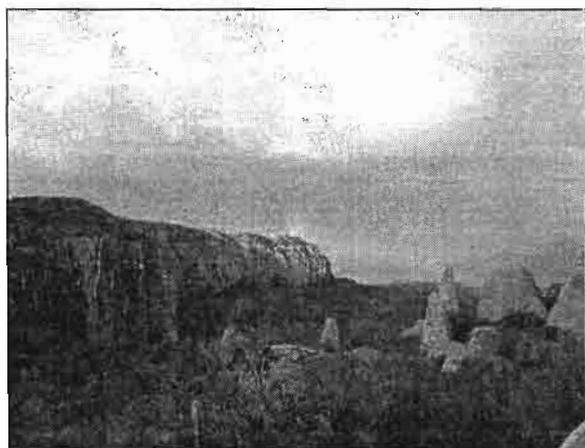
A área onde se desenvolveu esse trabalho situa-se no município de Buíque a 285 Km do Recife – PE.



**Figura 1:** Localização do município de Buíque

O município de Buíque encontra-se inserido na mesorregião do Agreste Pernambucano, embora esteja no limite entre o agreste e o sertão, pertencendo a microrregião do Vale do Ipanema. Observamos ainda hoje, nas serras e em seus rebordos (brejos), onde as condições climáticas são bem menos hostis, vegetações mais exuberantes e cultivos de fruteiras e palmeiras como o ouricuri e o babaçu. O estrato herbáceo apresenta-se apenas na estação chuvosa, aparecendo também concentrações de palmáceas. Talvez, durante a pré-história, em virtude de suas características peculiares, e principalmente pela presença de água em vários pontos das serras areníticas, essa região tenha sido atrativa a vários grupos étnicos em diferentes momentos cronológicos, assim parece nos mostrar os dados arqueológicos obtidos até o momento com a escavação do sítio arqueológico Alcobaça, sítio de grande importância para o entendimento desta questão que é objeto deste estudo.

Feito o levantamento dos sítios arqueológicos da área em questão, e identificados em torno de três dezenas de sítios arqueológicos e pesquisados, parcialmente, alguns deles e com os resultados obtidos, apresentamos várias hipóteses em relação às ocupações humanas pré-históricas da área que são formuladas ao longo do trabalho.



**Figura 2:** Vista do Vale do Catimbau – Buíque.

Após esse levantamento, selecionamos os sítios passíveis de serem escavados. O sítio Alcobaça, um dos primeiros sítios localizados nesta área, foi selecionado para ser escavado porque, além de apresentar painéis de pinturas e gravuras rupestres, oferecia excelentes condições de escavação, servindo assim, como ponto de partida para os estudos arqueológicos na região. A necessidade de estabelecer os limites ao nosso trabalho, nos obrigou a escolha de um “sítio tipo” que, escavado aproximadamente em 40% até a rocha matriz, forneceu elementos básicos para se determinar várias ocupações espaços-temporais com colunas estratigráficas e radiocarbônicas que assim o demonstram. Selecionamos, o sítio Alcobaça, situado no município de Buíque no Estado de Pernambuco. Este sítio estaria dentro da categoria designada de *tradição Agreste* (Martin, 2000) e, apresentava um acúmulo de sedimento passível de ser escavado que poderia fornecer dados contextualizados e oferecer, “a priori”, níveis de ocupação humana, que nos informaram sobre os grupos que ocuparam a região e o sítio.

As escavações realizadas neste sítio, e seus resultados são a base deste trabalho como ponto inicial de uma pesquisa mais ampla no agreste pernambucano. A análise dos vestígios arqueológicos deixado por esses grupos pôde mostrar a presença da diversidade dos grupos humanos nesta região. Encontramos-nos assim num contexto de informações preliminares no qual se destacam um conjunto de registros gráficos dispersos em áreas amplas realizadas em abrigos sob-rocha, cuja utilização funcional mal conhecemos.

Nossa tese central, apoia-se na evidência de que grupos diversos em períodos diferentes ocuparam e pintaram abrigos sob-rocha na região, criando um *corpus gráfico* que, inicialmente foi enquadrado dentro de uma tradição rupestre denominada *Agreste*.

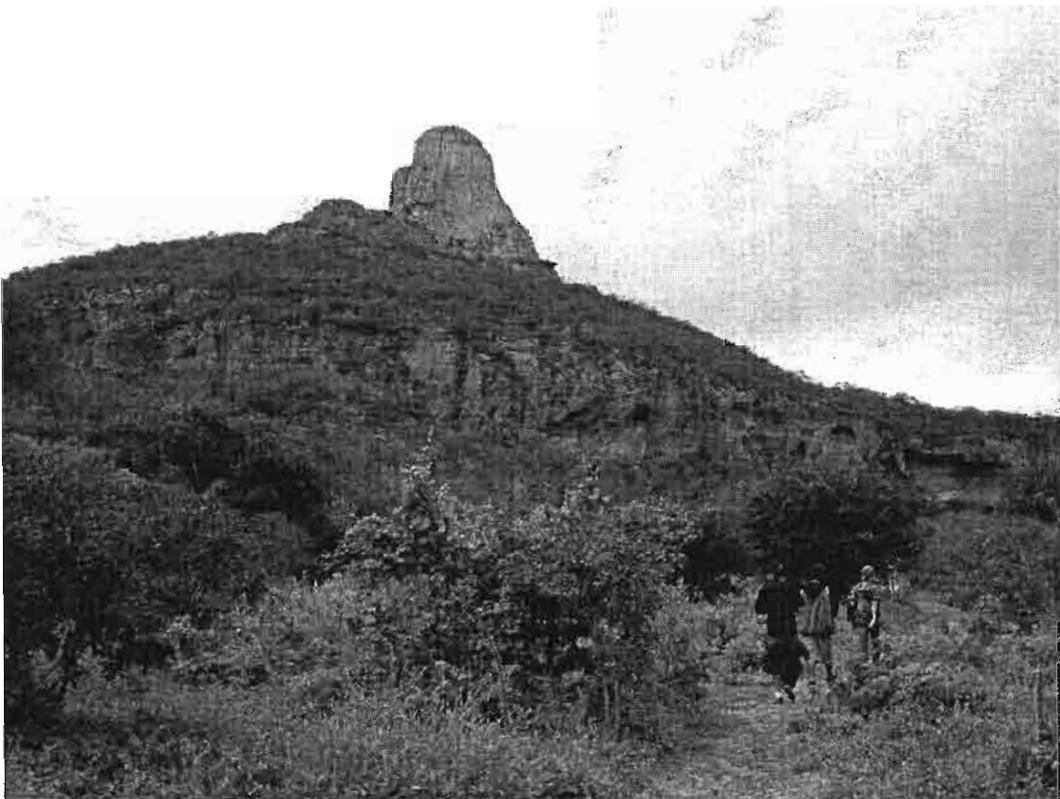
Os resultados obtidos até o momento não permitiram fixar um "enclave" que determinasse ocupações pré-históricas sistemáticas apoiadas em crono-estratigrafias seguras. Não obstante, a riqueza arqueológica da área e sua situação nos afluentes do Rio São Francisco, nos permitem levantar hipóteses da permanência de grupos pré-históricos na região durante amplos períodos e numa dimensão espaço-temporal. Os indícios mais evidentes da existência desses grupos, que se evidenciam pelas prospecções arqueológicas, são indicados pela presença dos registros rupestres nos abrigos sob-rocha.

Partindo desse princípio, era necessário precisar em que momento da ocupação do sítio Alcobaça foram realizados os grafismos: as pinturas reconhecidas como da *tradição Agreste* e as gravuras. Ao se relacionar as ocupações humanas do sítio com as pinturas e gravuras, acreditamos que conseguiremos uma importante contribuição ao conhecimento dos grupos étnicos que habitaram os abrigos com grafismos rupestres na região.

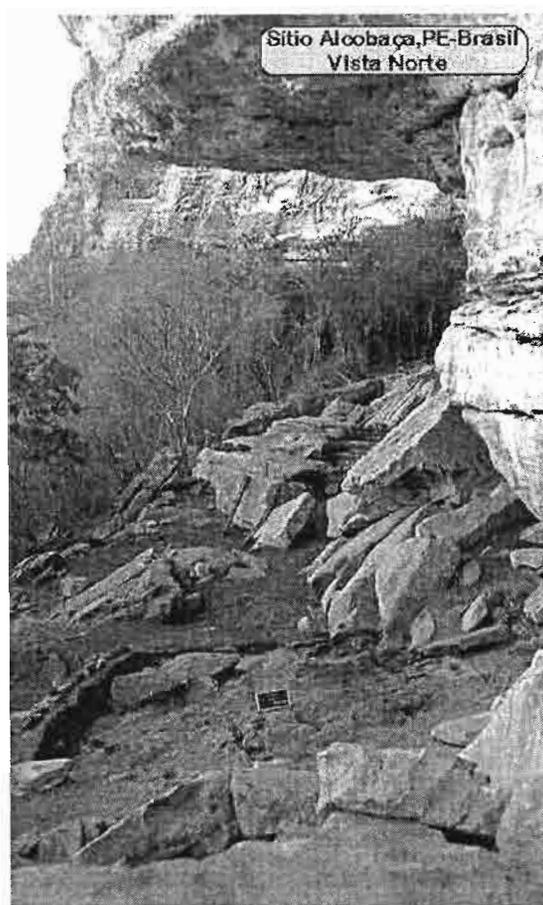
Dedicamos atenção especial, então, ao estudo das estruturas arqueológicas, tentando entender o sítio arqueológico como o habitat de um grupo, cuja cultura material é apenas um indício para chegarmos à reconstituição da vida desse grupo. Um sítio arqueológico de pintura rupestre isolado, não significa nada mais que uma unidade num contexto geral dos sítios portadores de registros gráficos rupestres, o qual deverá estar compreendido dentro de um contexto definidor de um futuro enclave. É preciso que se escavem igualmente outros sítios arqueológicos de áreas arqueológicas definidas, com o propósito de obter dados para a formação de um quadro explicativo mais amplo.

### **Sítio Arqueológico Alcobaça**

Foram realizadas três campanhas de escavações, entre 1996 e 1998 escavando-se 40% do sítio. Devido ao tamanho do abrigo e a grande quantidade de blocos que se desprenderam de suas paredes, a escavação tornou-se difícil, demorada e complexa, tendo que se adaptar o tipo de escavação a cada área escavada.



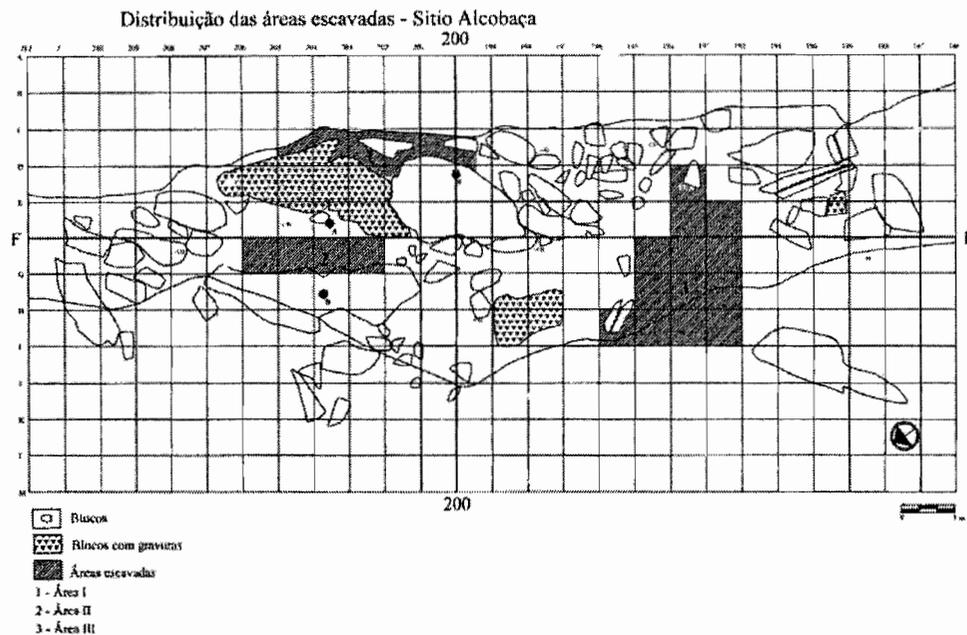
**Figura 3:** Vista geral da ambiência – Sítio Alcobaça



**Figura 4:** Vista norte do Sítio Alcobaça

Dividimos o sítio em três áreas a serem escavadas. A área que denominamos **(I)**, encontra-se próxima à parede do abrigo. A segunda ou área **(II)**, localizada no sentido norte do sítio onde os blocos sustentavam um volumoso pacote estratigráfico. Esta área foi escolhida para ser escavada com o objetivo de se obter maiores informações sobre a ocupação do sítio arqueológico, já que se percebia ser uma área de maior acúmulo de sedimento do sítio e; a área **(III)** localizada no sentido sul, escolhida pelo perigo de destruição que corria, pois, observamos a existência de uma grande fogueira próxima à entrada do abrigo, que devido a visitas desordenadas de turistas e curiosos, bem como de animais que se abrigam ali durante a noite, a estava colocando em risco.

As escavações do sítio Alcobaça foram realizadas por níveis naturais e, todas as decapagens e todos os vestígios encontrados foram registrados e desenhados por triangulação.



5

**Figura 5:** Distribuição das áreas escavadas – Sítio Alcobaça.

Percebemos, durante as escavações arqueológicas, que as estruturas evidenciadas bem como os vestígios que constituíam as estruturas apresentavam-se diferenciadas, e que as camadas arqueológicas modificavam-se, o que poderia indicar áreas distintas de utilização do abrigo. Essas observações foram sendo confirmadas, a partir das análises realizadas em laboratório. Decidimos então que, deveríamos analisar esses vestígios dentro de cada área e em cada estrutura individualmente, para em seguida relacioná-las entre si. Assim sendo, mantivemos a mesma separação, em três áreas, que fizemos aleatoriamente no campo. A primeira, caracterizada por apresentar exclusivamente a presença de enterramentos com seus respectivos materiais associados; a segunda por caracterizar-se como uma área de

sucessivas fogueiras, onde na maioria dos casos não se apresentavam estruturadas e; a terceira por apresentar fogueiras estruturadas, como também estruturas com restos vegetais. Após o estudo das características dos vestígios encontrados em cada área realizamos as relações dos resultados analíticos entre elas, tentando assim entender a ocupação do sítio arqueológico Alcobaça.

Os resultados das análises dos vestígios encontrados no sítio arqueológico Alcobaça e o estudo de sua distribuição espaço-temporal, nos permitiram levantar questões que servirão como ponto de partida para a continuidade das pesquisas na região, no que se refere ao conhecimento das ocupações humanas pré-históricas em abrigos sob-rocha que apresentam registros rupestres que, “a priori”, foram chamados de tradição Agreste.

As datações radiocarbônicas do sítio Alcobaça nos indicam que o abrigo foi utilizado por um longo período que vai de  $4851 \pm 30$  a  $888 \pm 25$  anos AP. Essas ocupações foram em áreas diferenciadas do sítio e em momentos diferentes. Nas três áreas, que foram separadas aleatoriamente no momento da escavação, verificou-se, que foram ocupadas por grupos humanos em momentos distintos, e os vestígios mostram que se tratava de diversas ocupações com utilizações distintas do espaço.

**Datação em anos AP das áreas escavadas do sítio Alcobaça**

	Área I	Área II	Área III	
			4851 ± 30	
			4733 ± 29	<b>Ocupações temporárias</b>
		4697 ± 30		<b>sem enterramentos</b>
			4243 ± 26	<b>com presença</b>
			4000 ± 28	<b>de cerâmica</b>
			3411 ± 30	
			2690 ± 25	
	2466 ± 26			
<b>Ocupações intensas</b>	2405 ± 30			
<b>como cemitério por</b>	2184 ± 32			
<b>grupos ceramistas</b>	2111 ± 26			
	1873 ± 24			
	1812 ± 26			
	1785 ± 49			
	1766 ± 24			
	1561 ± 25			
			1472 ± 25	
		1234 ± 24		
		1200 ± 25		
<b>Ocupações intensas</b>		1172 ± 28		
<b>sem enterramentos</b>			1118 ± 24	
<b>com presença</b>		1099 ± 26		
<b>de cerâmica</b>		980 ± 25		
		888 ± 25		

A área **I** se caracterizou como um período em que o sítio foi utilizado como cemitério entre 2405 ± 30 e 1766 ± 24 anos AP. A área **II** demonstra que o abrigo foi utilizado por um período mais prolongado, como habitação de longa duração, denotando a utilização da área por diversas ocupações em diferentes momentos. A coluna estratigráfica desta área está entre 4697 ± 30 anos AP (primeira ocupação da área) e 888 ± 25 anos AP (última ocupação). A área **III**, com várias estruturas de fogueira apresentando cronologias diferenciadas, caracteriza-se como

períodos em que o sítio foi utilizado como acampamento temporário, de curta duração. A datação mais antiga do sítio encontra-se em uma das fogueiras da área III datada em  $4851 \pm 30$  anos AP e a mais recente é de  $1118 \pm 24$  anos AP.

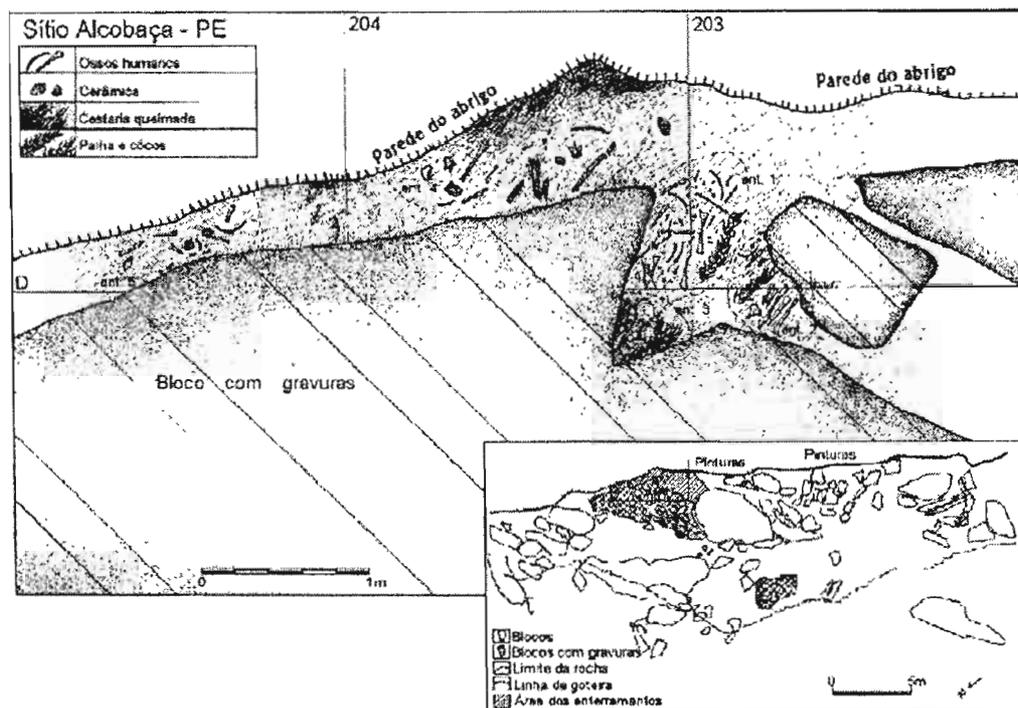
Observa-se, no quadro das datações do sítio, a existência de vazios cronológicos. É provável que esses vazios correspondam a momentos de intenso desprendimento de blocos do abrigo, quando o mesmo não oferecia segurança como lugar de habitação.

Na área I evidenciamos pequenas fogueiras que não faziam parte das estruturas dos enterramentos, datadas de  $2111 \pm 26$ ,  $1785 \pm 49$  e  $1766 \pm 24$ . Nessa área existe ainda outra datação, de  $1561 \pm 25$  anos AP referente a uma fogueira, que data “post quem” um bloco com pinturas rupestres. A área **II**, ocupada em diferentes períodos que vão de  $4697 \pm 30$  a  $888 \pm 25$  anos AP, identificaram-se três momentos distintos. O primeiro, em  $4697 \pm 30$  datado por carvões provenientes da fogueira situada na base rochosa do abrigo; o segundo período, de  $1234 \pm 24$ ,  $1200 \pm 25$  e  $1175 \pm 28$  anos B.P e, o terceiro momento corresponde às datas de  $1099 \pm 26$ ,  $980 \pm 25$  e  $888 \pm 25$  anos AP. A grande diversidade e quantidade de vestígios e as várias datações nesta área, mostram que ela foi utilizada por períodos de longa duração. O conjunto estratigráfico revela-nos que sua formação se deve a processo de acúmulo de sedimentos provocados, principalmente, por ocupações humanas, através do acúmulo de cinzas, carvões, restos vegetais, restos faunísticos e sedimento argilo-arenoso resultante da decomposição da rocha matriz, com textura extremamente fina. Na base da ocupação dessa área, observou-se a queda de blocos de arenito de variadas dimensões, indicando que à sua chegada, em 4697 anos AP, o grupo humano já encontrara aquela parte do abrigo protegida por blocos.

Na área **III**, observaram-se ocupações de curta duração, onde foram acesas fogueiras aproveitando-se as depressões da base do abrigo. Essas fogueiras foram feitas em momentos diferentes. A área apresenta cronologias de  $4851 \pm 30$ ,  $4733 \pm 29$ ,  $4243 \pm 26$ ,  $4000 \pm 28$ ,  $3411 \pm 30$ ,  $2690 \pm 25$ ,  $1472 \pm 25$  e  $1118 \pm 24$  anos AP e todas essas datações são provenientes de carvões de fogueiras estruturadas.

### **Rituais Funerários**

Pela maneira de enterrar seus mortos como também pelo tipo de vestígios associados a eles, acreditamos que um único grupo étnico ocupou o abrigo no período entre  $2466 \pm 26$  e  $1812 \pm 26$  anos AP. A análise do material arqueológico associado aos enterramentos, permitiu verificar que não havia diferenciação qualitativa entre esses vestígios, que apresentaram as mesmas características técnicas, com apenas diferenças quantitativas, além de manter os mesmos padrões de enterramento. Os mortos foram queimados em covas junto com o enxoval funerário. Partindo-se do pressuposto de que os rituais funerários são manifestações de mais longa duração temporal, acreditamos que durante o período que de aproximadamente mil anos redondos, os mesmos grupos étnicos utilizaram o abrigo do sítio Alcobaça para sepultar seus mortos. Apesar da datação de  $2405 \pm 30$  anos AP, referente a carvões retirados da fogueira de cremação do enterramento n. 1, apresentar uma diferença cronológica de cerca de 654 anos em relação ao enterramento n. 3, datado de  $1812 \pm 26$  anos AP, não foi observada qualquer mudança no padrão de sepultamento e nos vestígios associados, indicando uma continuidade cultural.



**Figura 6:** Área de concentração de enterramentos.



**Figura 7:** Enterramento nº 4.

Esse procedimento para com os enterramentos identificados no sítio Alcobaça, foi também observado em outros sítios arqueológicos de Pernambuco, onde as datações são compatíveis com as do sítio Alcobaça, entre 2000 – 1000 anos AP. Na Gruta do Padre às margens do Rio São Francisco, hoje inundada pelas águas do lago de Itaparica, os esqueletos foram queimados e jogados nas cinzas junto com o mobiliário funerário. O sítio Furna do Estrago, no município de Brejo da Madre de Deus, foi intensamente utilizado como cemitério no em torno de 2000 e 1000 anos AP, e no período entorno de 1000 anos AP, época mais recente de ocupação da gruta, observou-se que a prática da incineração como ritual funerário acompanhado de seus enxovais. O Cemitério do Caboclo, que dista cerca de 200 metros do sítio Pedra do Tubarão em Venturosa, foi parcialmente escavado e constataram-se enterramentos secundários, alguns dos quais em covas onde os ossos humanos foram depositados depois de quebrados propositadamente. Alguns desses ossos foram queimados no mesmo local acompanhados de mobiliário funerário. No sítio Peri-Peri, Venturosa - PE, que apresentou cronologias em torno de 2000 anos AP, existe em sua proximidade, um local denominado Morro dos Ossos, no qual se identificaram ossos queimados e que, provavelmente, estaria ligado a este sítio. Esses dados mostram que, nos sítios com a presença de grafismos rupestres relacionados, em princípio, à tradição Agreste, os enterramentos apresentam cronologias equivalentes. Quando, nesse tipo de sítios não foram identificados enterramentos, sempre se identificaram sítios de necrópoles, que estariam associados a estes distando aproximadamente de 50 a 100 metros.

Esses dados, associados aos obtidos no sítio Alcobaça, nos afirmam a hipótese formulada anteriormente que a prática da incineração, entre as populações pré-históricas do interior de Pernambuco, deve ter se generalizado entre 2500 e 1500 anos AP. Outro fato que também chama

a atenção, frente aos longos períodos cronológicos, é o pequeno número de indivíduos enterrados, bem como grande variedades dos rituais fúnebres, e que, segundo Martin, “Esse fenômeno, já observado por A. M. Pessis, fez essa pesquisadora refletir sobre a possibilidade de que somente certas categorias de indivíduos, caracterizados por hierarquia familiar ou social, seria enterrados em determinados lugares.” (2000:324)

**Planilha dos enterramentos e seus elementos caracterizadores - Alcobaça - Área I**

	<b>Ent. 1</b>	<b>Ent. 2</b>	<b>Ent. 3</b>	<b>Ent. 4</b>	<b>Ent. 5</b>
<b>Tipo de enterramento</b>	Secundário	Secundário	Secundário	Secundário	Secundário
<b>Quantidade mínima de indivíduos</b>	06	02	02	06	07
<b>Unidade cerâmica</b>	U1	-----	U1	U1 e U3	U1 e U3
<b>Material lítico</b>	Almofariz, óxido de ferro com marcas de uso	-----	-----	Raspador, óxido de ferro com marcas de uso	Óxido de ferro com marcas de uso
<b>Ossos com pigmento</b>	-----	-----	-----	Sim	Sim
<b>Restos vegetais</b>	Sementes e cascas de Umbu, folhas de palmeiras, coco de ouricuri e babaçú, e cucurbitáceas	Folhas de palmeiras, coco de ouricuri e babaçú	Cascas de ouricuri e babaçú	Sementes e cascas de umbu, folhas de palmeiras, coco de ouricuri e babaçú e cucurbitáceas	Cascas de coco de babaçú e ouricuri e folhas de palmeiras
<b>Datações</b>	2466 ± 26	1873 ± 24	1812 ± 26	2405 ± 30	2184 ± 32
<b>Trançado</b>	Cestaria	Cordões	Cestaria	Cestaria e cordões	Cestaria e cordões
<b>Tipo de estrutura</b>	Cova	Cova	Cova	Cova	Cova
<b>Fauna</b>	Preá, mocó, rato, timbú, lagarto e teju.	Mocó, preá, punaré e timbú.	-----	Preá, mocó, rato, timbú, lagarto, teju e cobra	Preá, mocó, rato, timbú, lagarto, teju e cobra.
<b>Adorno</b>	-----	-----	-----	-----	Pingente em osso

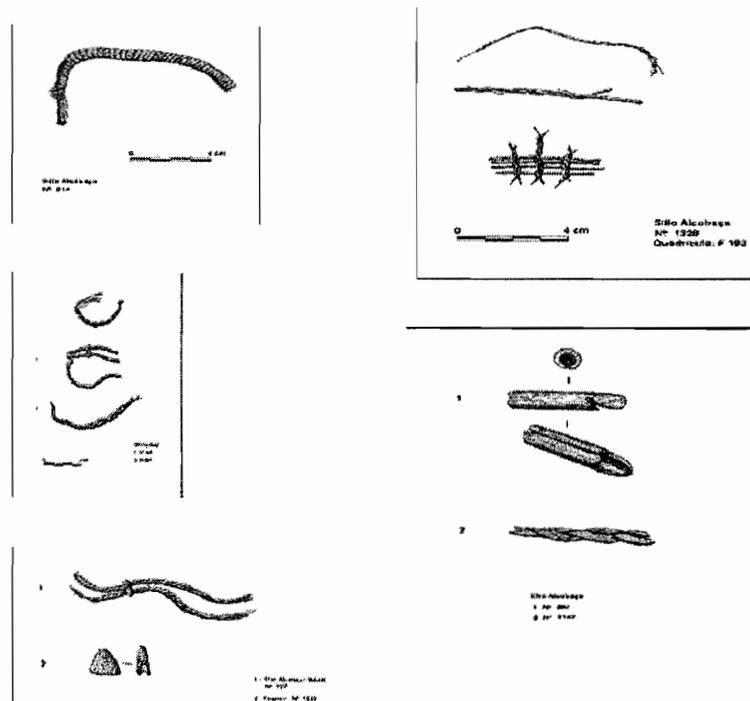
### **Restos animais e vegetais**

Quanto aos alimentos dos grupos que habitaram o abrigo Alcobaça, analisamos duas categorias: os animais e os vegetais.

Como “comedores de microfauna”, os grupos comiam animais como o mocó, o preá, o punaré, o tatu, o rato-espinho, o timbu e o tatu. Evidenciamos poucos exemplares de ossos de animais de tamanho maior como o veado. Os répteis como lagartos, teju, calango e serpentes, e os anfíbios como sapos, rãs e pererecas, também se encontram presentes no conjunto faunístico. Dentro da fauna pudemos ressaltar também a malacológica como, Bivalves de água doce da classe Pelecypoda, são ocorrências significativas no conjunto faunístico do sítio. Foram encontrados alguns fragmentos de ossos de aves, como também algumas penas, porém não ofereciam boas condições para identificação de sua espécie. Marcas de fogo, em seus diferentes graus, na quase totalidade dos vestígios faunísticos, nos levam a pensar na utilização desses animais como alimentação. Traços e marcas de mordida, reforçam a hipótese de esses animais terem sido usados como alimento.

Entre os vegetais coletados, temos o babaçu, ouricuri, coquinho (catolé, coco-de-fuso, coco-babão), umbu e alguns sabugos de milho. Ainda hoje se encontram na região todos esses vegetais, inclusive florestas de babaçu nos vales da área estudada. Os frutos do umbu também abundante na região, só podem ser consumidos nos meses de dezembro e janeiro quando do período de safra. Provavelmente seria a época em que os grupos, habitantes do sítio Alcobaça, consumiam esse fruto. As fibras dos vegetais foram utilizadas para realização de trançados entre eles cestarias e cordões, assinalados no sítio. Entres os vegetais podemos citar também o milho, algumas espigas deste foram encontradas, na fogueira número 2 da área III, datada de  $4243 \pm 26$ ,

evidenciou-se restos de sabugo de milho, palhas de milho, cerâmica e palhas de palmeiras, sugerindo o conhecimento da agricultura e da cerâmica. Dois fragmentos de sabugos de milho também foram evidenciados na área II em uma fogueira datada de  $1472 \pm 25$  anos AP. As amostras das espigas de milhos foram enviadas para laboratório e estamos aguardando as datações que ainda estão sendo processadas. A análise efetuada nos sabugos de milhos encontrados nos informa que estes pertencem a uma espécie cultivada já há bastante tempo. Temos conhecimento da existência de milho, de espécies já cultivadas, em datas próximas a do sítio Alcobaça, em Minas Gerais no sítio arqueológico Gruta do Gentio, que: *“Estes se situam em um horizonte cronológico variando entre 1000 e 4000 anos antes do presente, sendo que os exemplares maiores certamente pertencem a um período mais recente.”* (Bird; Dias Jr; Carvalho, 1991:20).



**Figura 8:** Vestígios vegetais do Sítio Alcobaça.

## **A Cerâmica**

A análise dos vestígios cerâmicos do sítio proporcionou um total de 10 (dez) unidades cerâmicas. Dentre os fragmentos passíveis de se caracterizar as unidades, verificou-se um conjunto de 59 fragmentos representando 55,7% na área **II**; 43 fragmentos totalizando 40,5% na área dos enterramentos que denominamos área **I** e, por último, a área **III** com um total de 04 fragmentos o que significa 3,8 %.

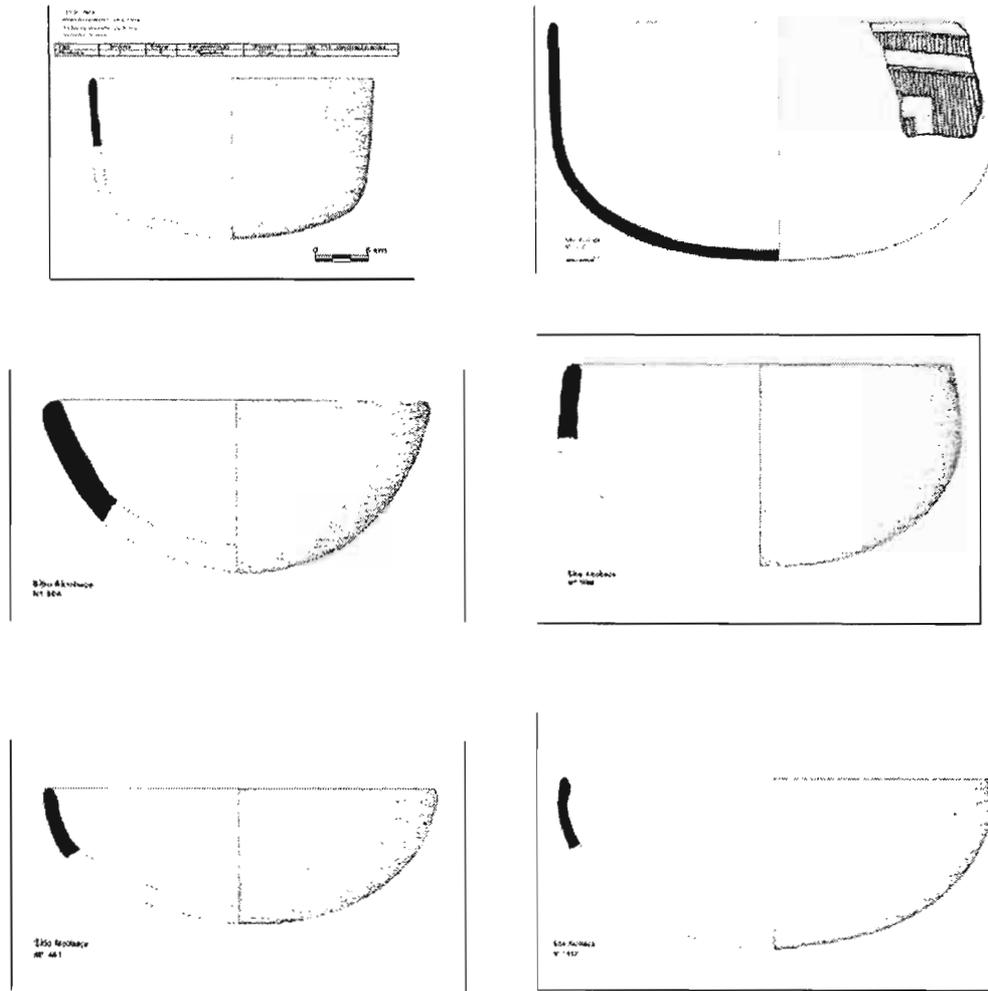
O perfil técnico cerâmico do sítio está caracterizado por apresentar aditivo de areia e tratamento das superfícies externas e internas alisadas (unidade 1), seguindo-se o restante dos fragmentos distribuídos entre as outras unidades, que apresentaram o mesmo tipo de aditivo, porém, o tratamento da superfície externa apresenta decoração plástica.

A grande fragmentação dos vestígios cerâmica deste sítio dificultou a reconstituição dos objetos. Identificamos objetos como vasilhas, em sua maioria de pequenos tamanhos com diâmetro entre 20 e 27 cm. Não foi possível identificar-se o método de manufatura nos fragmentos estudados, não constamos nenhuma falha de construção das peças que pudesse indicar o tipo de técnica de manufatura, o que permite afirmar que os ceramistas tinham um bom conhecimento e controle desta técnica.

Embora se tenha evidenciado a presença de vestígios cerâmicos nas três áreas caracterizadas do sítio, a maior quantidade encontrava-se na área **II**. Os grupos que utilizaram o abrigo, em todos os períodos, conheciam a cerâmica, e usaram o mesmo tipo de argila para sua fabricação, segundo o resultado da análise química realizada. Essa mesma composição química da argila empregada na confecção da cerâmica, não implica, necessariamente, que retiravam a matéria prima de uma mesma

fonte, mas que conheciam qual argila da região servia melhor para a fabricação desses objetos, denotando bom conhecimento da técnica da fabricação da cerâmica.

A presença de cerâmica nas três áreas do sítio em diferentes momentos significa que os grupos que habitaram o abrigo a conheciam e utilizaram o mesmo tipo de argila, isto implica numa continuidade técnica que vai de 4243 a 888 anos. Gabriela Martin levanta a hipótese, baseada em dados provenientes de escavações de abrigos como Peri-Peri e Tubarão, de que os grupos denominados *Agrestes*, nos últimos pisos da ocupação, já tinham conhecimento da cerâmica. O sítio Alcobaça contribui para corroborar com essa hipótese, se consideramos que alguns desses grupos que habitaram o sítio seriam responsáveis pela elaboração dos grafismos ou parte deles, pois em todos os momentos de ocupação observamos a presença de cerâmica. Teoricamente, pode ter acontecido também que, os pintores do abrigo sejam outros grupos diferentes dos ocupantes que o utilizaram como cemitério, pois se percebe que, nessa fase, as pinturas já tinham sido realizadas. Essa afirmativa se apóia em que parte dos enterramentos estava em contato com as pinturas, além de se perceber uma pátina de fuligem que se formou, provavelmente, quando da realização das fogueiras para os rituais funerários.



**Figura 9:** Quadro das formas cerâmicas – Sítio Alcobaça.

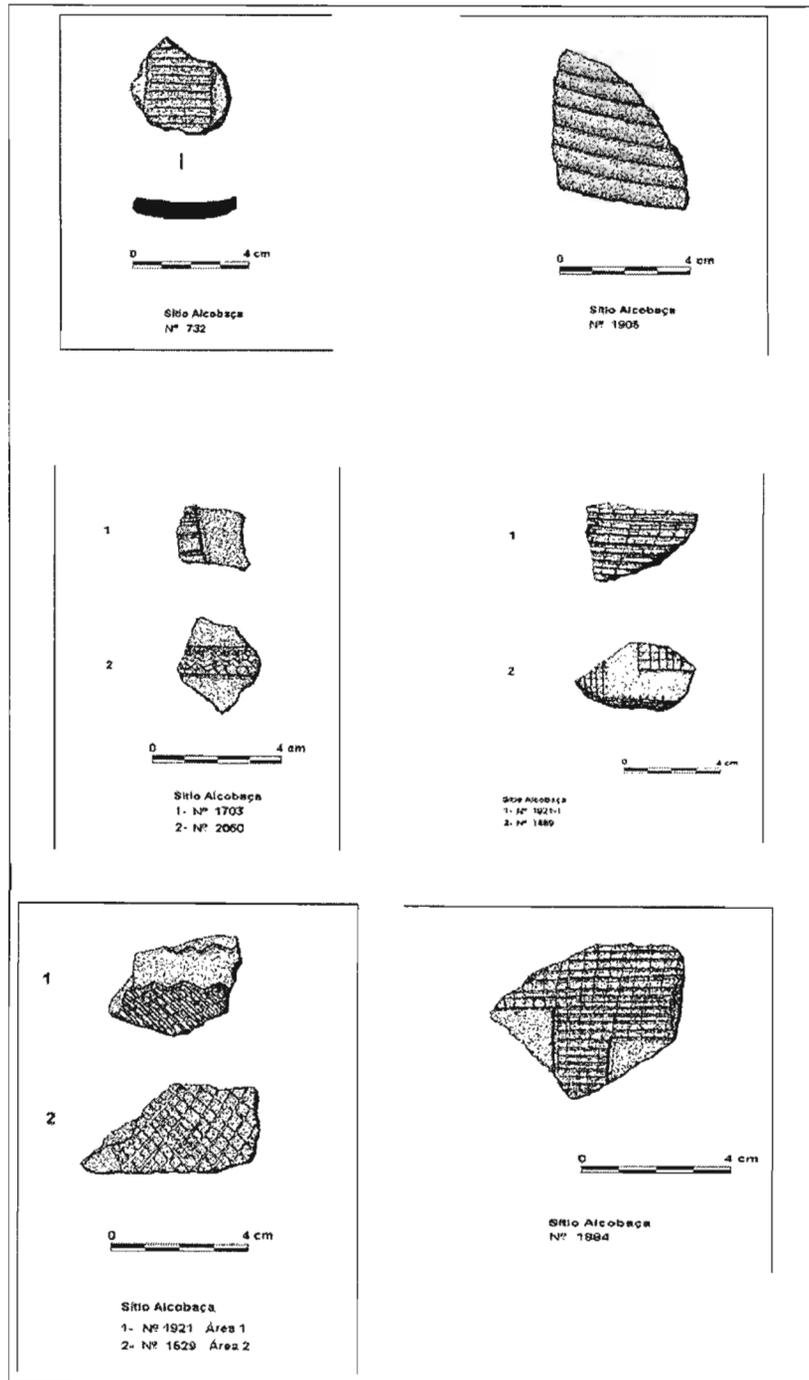


Figura 10: Quadro das decorações cerâmicas – Sítio Alcobaça.

### Material lítico

A análise da cultura material das três áreas do sítio revela-nos que, do ponto de vista qualitativo e quantitativo, ocorrem diferenças significativas apenas em relação ao material lítico. A área II apresenta instrumentos como chopper, raspadores e furadores, os quais não foram encontrados em nenhuma das outras áreas escavadas. Estes estão cronologicamente relacionados ao período compreendido entre  $1234 \pm 24$  e  $880 \pm 25$  anos AP de ocupação.

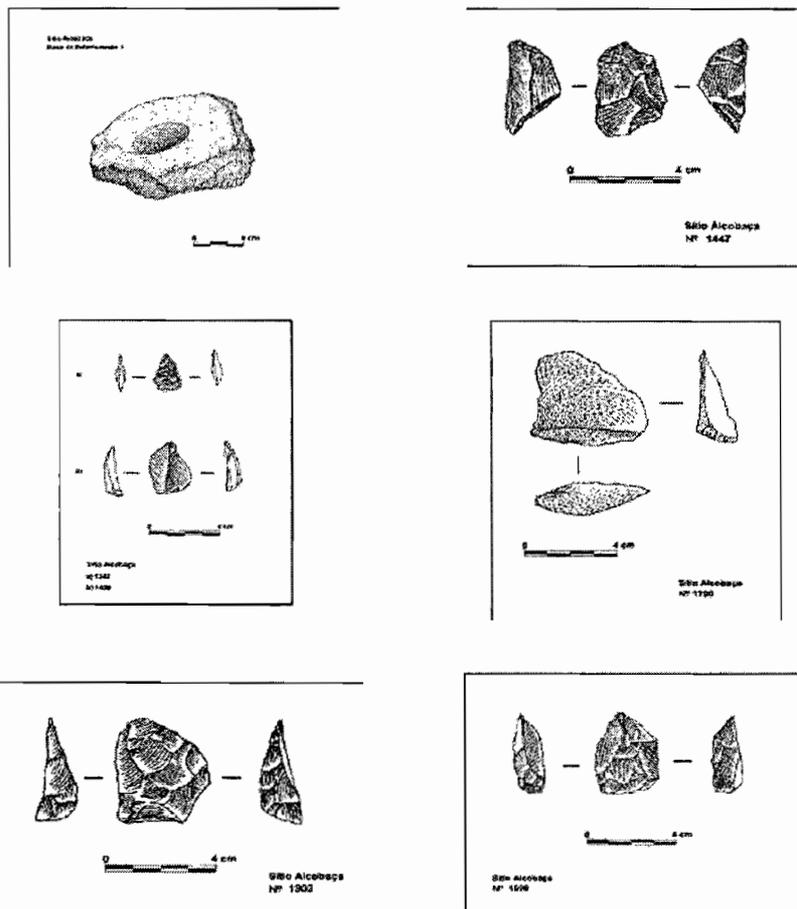
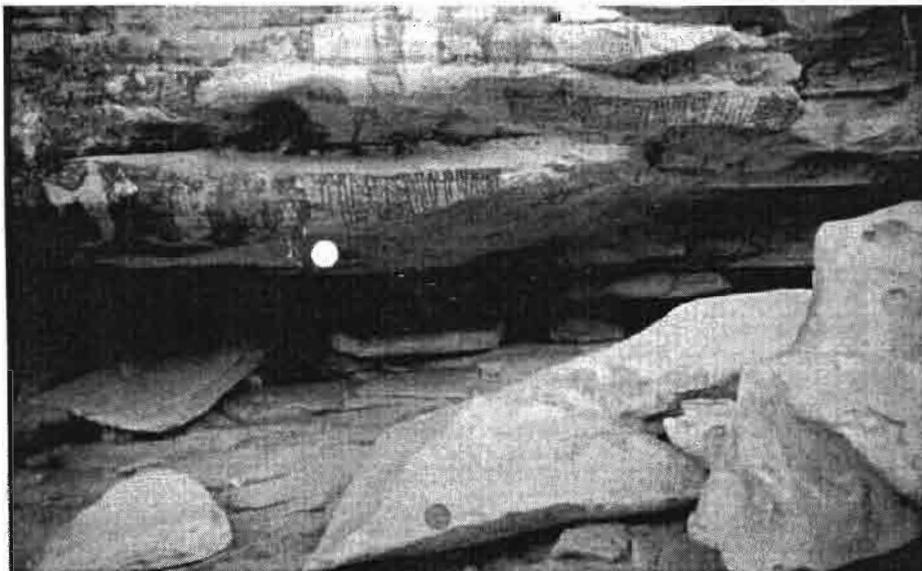


Figura 11: Material lítico – Sítio Alcobaça.

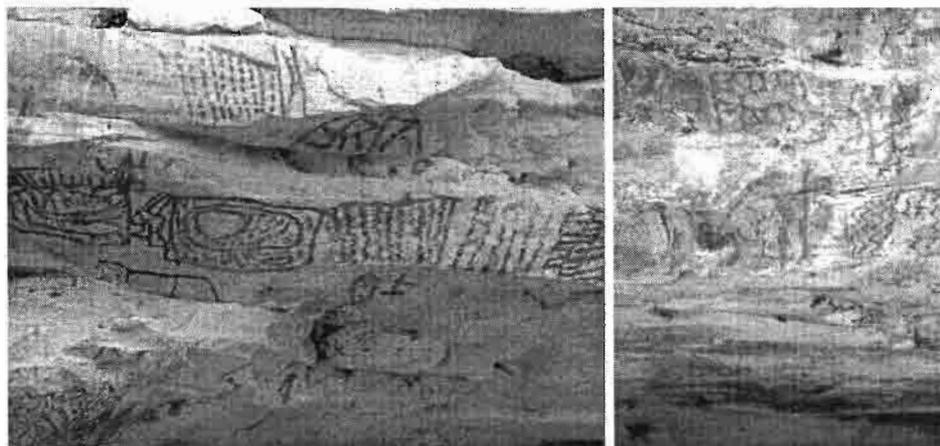
## **Registros Rupestres**

Algumas observações podem ser feitas com relação aos autores das pinturas rupestres no sítio Alcobaça. Acreditamos que mais de um grupo foi responsável pelas pinturas desse abrigo, pois percebemos diferentes momentos de confecção dos grafismos. Constatou-se a presença de inúmeras áreas de sobreposição, geralmente em diferentes tonalidades de vermelho, ou mesmo em cores diferentes, como também pelas suas reconstituições, grafismos com nítidas reutilizações, ou mesmo retocados. Identificamos locais na parede do abrigo que foram reutilizados, mostrando pelo menos dois momentos distintos da produção gráfica. As análises dos vestígios das áreas escavadas também demonstraram, utilização do abrigo por diferentes grupos em momentos distintos.

Quanto ao aspecto da realização gráfica, percebe-se, no painel do sítio, que os autores tinham um domínio técnico no controle das tintas utilizadas, nos instrumentos empregados na elaboração dos desenhos (pincéis finos, bastões de ocre, espátulas ou simplesmente os dedos), como também no delineamento e preenchimento dos grafismos. Percebe-se nitidamente, dois momentos com relação à temática. Um momento quando foram elaboradas pinturas tendo como temática os grafismos puros e um outro momento quando se observa grafismos pintados relacionados à *tradição Agreste*, como o característico antropomorfo estático e, algumas figuras zoomorfas. Este segundo conjunto sempre se sobrepondo ao primeiro. Os antropomorfos chegam, em algum momento, a 1,20m de tamanho e apresentam-se sempre preenchidos com tinta na cor vermelha.



**Figura 12:** ○ Painel apresentando a reutilização do espaço pictórico.  
● Bloco com restos de pinturas.



**Figura 13:** Exemplos de painéis de pintura rupestre

O painel de pintura, localizado na parede do abrigo na área dos enterramentos, apresenta uma pátina, provavelmente proveniente de fuligem, que acreditamos ser oriunda das fogueiras dos enterramentos, isso implicaria que essas pinturas já se encontravam neste local quando da realização das fogueiras para o ritual de enterramento, sendo, portanto anteriores as datações existentes para esta área que são de

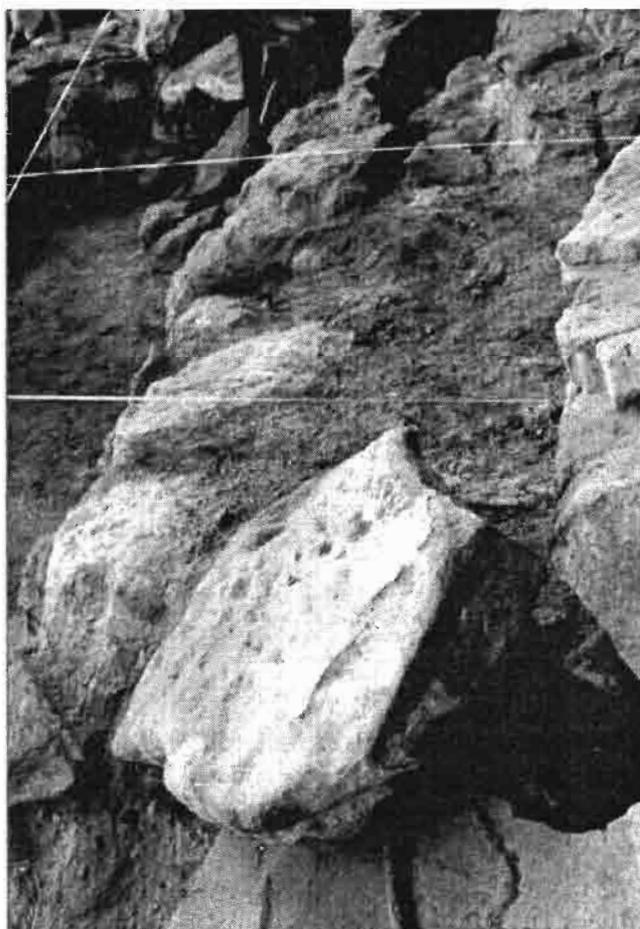
2405  $\pm$  30 a 1766  $\pm$  24 anos AP. Possivelmente, os grupos que sepultaram seus mortos no sítio Alcobaça não seriam os autores dos grafismos nessa área do painel. A existência de ocre com marcas de utilização e alguns esqueletos com restos de pigmento vermelho, pode indicar que estes foram utilizados para a realização de alguns dos grafismos existentes ou apenas usados para o ritual funerário, onde os ossos do indivíduo eram pintados. Essa hipótese poderá ser confrontada no momento que se realizem datações das pinturas que possam ser relacionadas com as datações dos enterramentos.



**Figura 14:** ○ Painel de pinturas rupestres – parede do abrigo.  
● Bloco com gravuras rupestres.  
◐ Bloco com gravuras e pinturas rupestres.

As gravuras existentes no sítio Alcobaça estão representadas em blocos de arenito que se desprenderam do teto e da parede do abrigo, e que apresentam uma pátina, que forma no bloco uma película muito fina, destacando as gravuras ali realizadas. Estas gravuras podem ter sido elaboradas, em período diferente às pinturas, por grupos que só

realizavam gravuras, e que respeitaram o espaço pintado. No caso de tratar-se do mesmo grupo, houve escolha diferente de suporte para a realização de técnica de gravação dos grafismos. Temos uma data “post quem” para as gravuras, relacionada a um bloco gravado soterrado, encontrado nas escavações. Este estava localizado na base de uma fogueira datada de 1099 +26 anos AP, podendo-se, portanto afirmar que as gravuras foram elaboradas antes da realização dessa fogueira.



**Figura 15:** Bloco gravado encontrado nas escavações da área II.

As datações relativas obtidas neste sítio para os grafismos indicam que, as pinturas foram realizadas em períodos anteriores a 2000 anos AP e as gravuras em torno de 1000 anos AP.

Na tentativa de encontrarmos relações entre as pinturas do abrigo Alcobaça com os achados arqueológicos, realizaram-se análises químicas dos pigmentos utilizados para pintar os grafismos e de alguns ossos humanos com restos de pigmento. Três amostras de pinturas (duas de grafismos puros e uma com marcas de mãos carimbadas) apresentaram a mesma constituição química do pigmento encontrado na amostra do enterramento n.5 composto de ocre vermelho ( $Fe_2O_3$ ). Esse dado poderá nos fornecer a associação entre esses dois elementos, porém são informações de caráter preliminar.

Os resultados e problemas apresentados neste trabalho, referentes às análises do sítio arqueológico Alcobaça, servirão como ponto de partida para a continuidade das pesquisas arqueológicas na região. O potencial de dados arqueológicos fornecidos nas escavações e nas análises de laboratório, são um referencial para o estudo de outros sítios na área. O conhecimento das ocupações dos sítios com pinturas rupestres e suas crono-estratigrafias, significa um referencial valioso e um ponto de partida para se estudar, também, os registros rupestres existentes no estado de Pernambuco, possibilitando segregar as possíveis tradições e sub-tradições, situando-as no contexto arqueológico e crono-estratigráfico.

Fazendo uma retrospectiva, na região do agreste de Pernambuco, dos dados que permitem se relacionar ocupações humanas e registros rupestres, vemos que as respostas são precárias, na medida em que não se fizeram escavações intensivas em abrigos portadores de registros rupestres. Os caracterizadores das ocupações basearam-se,

principalmente, nas escolhas geomorfológicas dos sítios com pinturas chamadas de *tradição Agreste*, na primeira classificação preliminar dessas manifestações rupestres. Os dados referentes à cultura material que pudessem relacionar-se às pinturas eram muito indefinidos, e continuam sendo, já que somente o sítio Alcobaça foi escavado intensamente.

Contudo, nesse universo quase desconhecido da pré-história de Pernambuco, os dados obtidos nesse sítio contribuem, sem dúvida, ao conhecimento dos grupos humanos que habitaram a região e, acreditamos, que esses dados confirmam as hipóteses levantadas no início do trabalho.

Em pré-história, as nossas afirmativas são quase sempre hipotéticas, e é dentro desta perspectiva que inserimos o estudo da pré-história da região. Ao mesmo tempo consideramos que uma hipótese é um estágio prévio à formulação de uma afirmativa que leve a uma lei ou teoria, e que precisam de dados sustentáveis, embora não ofereçam garantias de verificação absoluta. Nesse sentido pensamos que, a contribuição mais importante e útil do nosso trabalho, tem sido a possibilidade de se formular novas hipóteses a partir dos resultados obtidos e que poderão nortear novas pesquisas.

**Ana Lúcia do Nascimento Oliveira**

Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

ananascimento@ufrpe.br

## Referências Bibliográficas

AB' SABER, Aziz Nacib. Problemas das migrações pré-históricas na América Latina. **CLIO, Série Arqueológica**. Recife: UFPE, v.1, n. 4, Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro - 1987, p.11-14, 1991. Número extraordinário.

AGUIAR, Alice. Tradições e estilos na arte rupestre no Nordeste brasileiro. **CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História**. Recife: UFPE, n.5, p. 91-104, 1982.

\_\_\_\_\_. Cariris Velhos - Paraíba. In:\_\_\_\_\_. **Herança: a expressão visual do brasileiro antes da influência do europeu**. São Paulo: Dow Química. 1984. p. 42-43.

ALBUQUERQUE, Marcos & LUCENA, Veléda. Caçadores Coletores no Agreste Pernambucano: Ocupação e Ambiente Holocênico. **CLIO, Série Arqueológica**, Recife: UFPE, v.1, n. 4, Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro - 1987, p. 73-74, 1991. Número extraordinário.

BARRETO, P. M. C.. O paleozóico da Bacia do Jatobá. **Bol. Soc. Bras. Geol.**, [S.L], p. 30- 46, 1968.

BASTIDE, R. (coord.). **Usos e sentidos do termo "Estruturas"**. São Paulo : Editora Herder/USP. 1971. 197p.

BINFORD, L. R. Archaeology as Anthropology. **American Antiquity**, 28, [S.L], p.217-225, 1962.

BIRD, Robert Mek.; DIAS, Ondemar, Ferreira.; CARVALHO, Eliana T.. Subsídios para a arqueobotânica no Brasil: o milho antigo em cavernas de Minas Gerais. **Revista de Arqueologia**, São Paulo : Sociedade de Arqueologia Brasileira - SAB, n.6, p. 1-13, 1991.

BECKER, Itala Irene Basile. Formas de enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas. **Revista de Arqueologia**, São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira - SAB, v.8, n.1, Anais da VII Reunião da SAB, p. 61-74, 1994.

BRITO, I. **As bacias sedimentares do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Geologia. 1978. 90 p.

BRUNI, Maria Alice Leal et all. **Brasil – D.N.P.M. Carta Geológica do Brasil ao Milionésimo, folha Aracaju (SC. 24)**. Brasília, [s.n.], 1976.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela.(Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. 1990. 605 p.

CHEVICHE, Lilia Machado. Sobre as práticas funerárias de cremação e sua variação em grutas do Ne e N de Minas Gerais. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul: SAB, Anais da V Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira,, V.17, n.20, p. 235-347, 1990.

CLARKE, David. **Analytical Archaeology**. 2ª edição. London, Methuen, 1978.

GUIDON, Niède. Definição e delimitação do estilo Várzea Grande. **Actes du XLIIème Congrès International des Américanistes**, Paris: Congrès du Centenaire, v.9-B, p. 392-407, sep. 1980.

\_\_\_\_\_. Métodos e técnicas para a análise da arte rupestre pré-histórica. **Cadernos de Pesquisa**, Teresina: UFPI, n.4. (Série Antropologia, III), 1985.

HODDER Ian; ORTON, Clive. **Spatial analysis in archaeology**, Cambridge: Cambridge University Press. 1976. 295p.

HUGON, Paulette; MENESES, MARIA C. S. L. Peintures rupestres: étade de la polychromie et analyses physico-chimiques. **RAPPORT Nº 729 C**, Paris: Laboratoire de Recherche des Monuments Historiques (LRMH), , 25 p, 2000.

LEAL, José de Menezes & ELO, José Geraldo de. **Bacia Sedimentar de Jatobá - PE (estudo hidrogeológico)**. Recife : Ministério do Interior/SUDENE/ DRN. 1983. 134p.

LEROI-GOURHAN, A. **O Gesto e a Palavra, 1 - Técnica e Linguagem**. Perspectivas do Homem, Lisboa: Edições 70. 1964. 237 p.

LORENZI; Harri; et al. **Palmeiras no Brasil: exóticas e nativas**. São Paulo : Editora Plantarum. 1996. 320p, il.

MABESOONE, J. M.; CASTRO, Cláudio de. Desenvolvimento geomorfológico do Nordeste brasileiro. **Boletim da Sociedade Brasileira de Geologia - Núcleo Nordeste**, Recife : Sociedade Brasileira de Geologia, v.3, p. 5-36, 1975.

MARTIN, Gabriela. O estilo Seridó na arte rupestre do Rio Grande do Norte. **Arquivos do Museu de História Natural**, Belo Horizonte : UFMG, Atas da I Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB, v.6-7 (1981-1982), p. 379-382, il., 1984.

\_\_\_\_\_. O povoamento pré-histórico do vale do São Francisco. **CLIO - Série Arqueológica**, Recife : UFPE, n. 13, p.9-42, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 3.ed. rev. Recife : Editora Universitária da UFPE, 2000, 440p., il.

NASCIMENTO, Ana; ALVES, Cláudia & LUNA, Suely. **O sítio arqueológico Alcobaça, Buíque - Pernambuco: primeiros resultados**. CLIO - Série Arqueológica, Recife : UFPE, nº 11, p. 87-98, 1995/96.

OLIVEIRA, Cláudia A. Os petróglifos de Alcobaça em Pernambuco - Brasil. **Congresso Internacional de Arte Rupestre**. Cochabamba: ed. Matthias Strecker, não paginada, 1997.

PESSIS, Anne-Marie. Método de análise das representações rupestres. **Cadernos de Pesquisa**, Teresina : UFPI, Série Antropologia II, p. 11-39, 1983.

RADAMBRASIL. Ministério das Minas e Energia. Secretaria Geral. **Folhas SC.24/25 Aracaju/Recife; geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra**. Rio de Janeiro : Ministério das Minas e Energia. 1983. volume 30, 856p, il.

SANTOS, A. A. dos. Alterações pós-morte em esqueletos pré-históricos. Contribuição à análise tafonômica de restos esqueléticos humanos do sítio Alcobaça, Buíque, PE, Brasil. **CLIO - Série Arqueológica**, Recife : UFPE, nº 14, p.13-24, 2000.

SANTOS, E. J. dos. **Síntese da geologia do Pré-Cabriano da Folha Arcoverde - NE do Brasil**. Recife : SUDENE – Div. de Geologia, 1971.

SCHIFFER, M. B. Archaeological context and systemic context. **American Antiquity**, Washington, DC : Journal of Society for American, n. 37, p. 156-165,

SENE, Glaucia Aparecida Malerba. **Rituais Funerários e Processos Culturais: Os caçadores e Horticultores Pré-Históricos do Nordeste de Minas Gerais**. 1998. 254fl. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – USP, São Paulo, 1998.

SILVA, Elisandro Tavares da; MENDES, Hormesino Carvalho; LAGE, Maria Conceição Soares Meneses. Estudo químico de sedimento arqueológico do Parna Serra da Capivara. **Resumos da X Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, Recife : Ed. Universitária UFPE, p. 270, 1999.

SOUZA, Alfredo Mendonça de. **Dicionário de Arqueologia**. Rio de Janeiro : ADESA. 1997. 140 p, il.

SUDENE, DRN. **Levantamento Exploratório - Reconhecimento de Solos do Estado de Pernambuco**. Recife : SUDENE / Ministério da Agricultura, 1973.

SUGUIO, Kenitiro. Dicionário de Geologia Sedimentar e Áreas Afins. Rio de Janeiro : Editora Bertrand Brasil. 1998. 1222 p.

**Suma etnológica brasileira**. 2ª edição, atualizada do Handbook of South American Indians. Darcy Ribeiro (ed.) et al. Petrópolis : Editora Vozes. 1987. v. 1,2,3.

STEWART, Julian H. Cultural causality and law: a trial formulation of the development of early civilizations. **American Anthropologist**. Menasha : American Anthropological Association , v.51., p.1-27, 1949.

TENÓRIO, Maria Cristina. A coleta de vegetais entre os indígenas na época do contato com o europeu. **CLIO - Série Arqueológica**, Recife : UFPE, v.1, n.10, p. 81-101, 1994.

TORRES, Ana Catarina. Estudos dos pigmentos do sítio pré-histórico Pedra do Alexandre - Carnaúba dos Dantas - RN. **CLIO - Série Arqueológica**, Recife : UFPE, nº 11, p.59-70, 1995/96.

TIXIER, S.; INIZAM, M.L.; ROCHE, E. **Prehistoire de la pierre taillé I-terminologie et technologie**. 2ª ed. Cercle de Recherches et d'études préhistoriques. 1980. 120p.

TRESCAROLO, Vital de. Informações sobre os índios bárbaros dos sertões de Pernambuco. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro : IHGB, v. 46, 1ª parte, 1886.

WHITE, Leslie A. Energy and the evolution of culture. **American Anthropologist**, Menasha : American Anthropological Association, n.45, p. 335-356, 1943.

WILLEY, Gordon R. Archaeological theories and interpretations: New World. **Anthropology Today**. Chicago: Kroeber Ed., p.361-385, 1953.